

O genio do seculo



HA muito quem diga e creia que o periodo do romantismo foi o mais notavel na literatura do ultimo seculo; ha quem prefira o grupo de Medan com toda a enorme procição dos Rougon-Macquart e dos adulterios. Nós lembramos antes esse tão debatido *fin de siècle*, como o mais esquisito na sua originalidade e o mais interessante em sua esquisite. Mais interessante e mais digno de attenção. Ao menos não será numa época de literaturas malsans tanto quanto pensava Gener, nem, e menos, numa phase de degenerescencia como andou dizendo a critica rabugenta do sr. Max Nordau.

O fim de seculo nunca perderá a gloria de ter produzido Verlaine, o Villon dos tempos modernos, nem Wilde, esse artista raro e aristocratico como não houve outro, nem Huysmans, esse mystico incomparavel que só o retrato de Des Eneintes teria celebrizado, nem Maeterlink o dramata que faz pensar nos maiores sem imitar nenhum, nem Moreas, esse grego maravilhoso que mereceu bem o ter sido chamado o Ronsard do symbolismo, nem Corbière, esse vagabundo quasi genial, nem Rimbaud, outro bohemio de talento, nem Laforgue, nem Merrill, nem Kahu, nem Mallarmé, nem Regnier. E' que cada um delles tem sua individualidade propria, sua *maneira*, seu modo de dizer, seus *tics*, suas excentricidades. E entretanto como cabem tão bem todos elles nesse delicioso e barbaro fim de seculo! Como se combinam tão harmoniosamente sem depender um de outro! Como assim congregados guardam tão avaramente o thesouro precioso de sua personalidade!

Ha com certeza um segredo em tudo isso, em toda essa maranha ineffavel. Ou por outra, já houve, mas hoje o decurso dos acontecimentos decifrou o enigma. Tratava-se, não de uma época de decadencia nem mesmo de um desses periodos de florescimento ephemero sem resultado notavel. Foi muito mais, um preludio á literatura revolucionaria do seculo XX. Foi uma consagração maravilhosa das duas grandes qualidades que caracterizam o novo seculo: a rebeldia e a contumacia no sentido mais lato, tambem mais perfeito de factalismo. Os modernos têm despresado sem motivo essa nunca assaz louvada virtude social que é o fanatismo, a mesma que só por si desculpa e quasi santifica os Torquemadas e as Inquisições.

Um relance sobre a actividade literaria e artistica do curto periodo que nos separa do inicio do seculo é o bastante para mostrar que aquellas duas qualidades o têm dominado. Não é aqui o lugar de repetir os ataques dos que vêm numa agglomeração de escolinhas, um mal. Pensamos antes que ellas são attestado serio de independencia de espirito e que embora o genio nunca acompanhe escolas, estas são sempre agentes das grandes ideias. Ha aqui, todavia, um mal entendido. Muitas das actuaes escolas só o são no significado menos geral de aggregação de artistas obedecendo todos ao proprio temperamento e mesmo, até certo ponto, ás proprias ideias desde que não se achem

em flagrante desaccordo com as do gremio.

Todos sabem que o futurismo exalta principalmente o perigo, a força, a luta e a guerra, *sola igiene del mondo*, como disse o primeiro manifesto. Isso não o impede de acolher em seu seio artistas que sigam uma esthetica completamente diversa e até, em certo ponto, opposta, como esse sympathico poeta Aldo Palazzeschi. O mesmo cujo romance *O codigo de Perela* é, na opinião de Soffici, futurista schismatico do grupo da *Lacerba* e fundador do adametonismo, o unico, desde os *Noivos* de Manzoni, que possa ser lido com prazer sempre crescente por um amante da arte verdadeira e genuina. O mesmo que Papini, aquelle Giovane Papini cuja recente conversão á religião catholica commoveu tão profundamente os circulos intellectuaes do Velho Mundo, considera o melhor poeta italiano da actualidade e tambem o mais lido, o mais discutido, o mais imitado da ultima geração.

E' ainda Papini e ainda a proposito de Palazzeschi quem affirma que não se deve olhar o futurismo como uma escola de poesia que dá receitas sobre a maneira de fazer os versos ou que impõe o assumpto dos novos cantos. O futurismo quer simplesmente livrar os poetas de certos preconceitos tradicionais. Elle encoraja todas as tentativas, todas as pesquisas, elle incita a todas as afoutezas, a todas as liberdades. Sua divisa é antes de tudo originalidade.

Sob esse ponto de vista é legitima e louvavel a aspiração futurista. O proprio sr. Marinetti o sanciona, dizendo, como disse ha tempos, entrevistado por um jornalista francez, que a nova escola "é apenas a exaltação da originalidade e da personalidade." A esthetica apregoadá é possivel e provavel que não vingue, mas a reacção terá o effeito de despertar os artistas do rameirão habitual. No terreno da literatura de ficção por exemplo, muito já fez e os contemporaneos podem orgulhar-se de obras oprimas como o *Codigo de Perela* de Palazzeschi e o *Poeta Assassinado* de Guillaume Apollinaire, ha tambem os poemas de Fort e o theatro de Claudel que demonstram o grau adeantado a que alguns escriptores de pulso têm feito subir a literatura contemporanea. Resta entretanto muito ainda que fazer. Resta combater toda a sorte de imbecilidade que continuam a infestar a Arte moderna, como sejam o realismo, o naturalismo, o vulgarismo, o pedantismo afim de que se possa erguer bem alto o monumento que symbolizará a Arte do futuro e no qual se verá, escripto em caracteres de fogo, o seu programma:

- Liberdade Esthetica
- Fantasia Illimitada

Sergio Buarque de Hollanda.

Do livro a publicar-se: *Os Novecentistas*